

CAPÍTULO XIII

ASPECTOS DA VIDA MATERIAL

Habitação

Segundo Junod ⁽⁷⁶⁾, a palhota dos Tsongas — cilíndrica e de tecto cónico — era nitidamente superior à dos Vangunes. Não admira, por conseguinte, que estes a tenham adoptado, embora com modificações.

A capital de Gungunhane, em Mandlakazi, era formada por enormes palhotas cónicas, cujo tecto quase roçava o chão, necessitando por isso de portas muito baixas, por onde se entrava gatinhando.

O interior era naturalmente escuro, devido à inexistência de janelas. O pavimento, «polido como mármore negro e quase tão duro como como o mármore»⁽⁴⁸⁾, parece que era confeccionado de argila amassada com gordura de hipopótamo ⁽¹⁵²⁾.

Nas povoações comuns as palhotas eram dispostas em arco de círculo, situando-se a do chefe da povoação em posição central ladeada imediatamente pelas das mulheres e, em seguida, pelas dos filhos e filhas.

O curral de gado podia construir-se ou não no alinhamento das palhotas, situando-se no meio algumas árvores frondosas. Não se respeitava, por conseguinte, o padrão tipicamente angune com o curral ocupando o centro.

A difusão do milho

Cremos que o cultivo intensivo e quase exclusivo do milho entre os povos meridionais de Moçambique se deve, fundamentalmente, à invasão e ocupação angune.

Quando tratámos dos vangunes de origem, referimo-nos à substituição da mapira pelo milho, provavelmente introduzido pelos primeiros portugueses.

É indubitável que a maneira generalizada e quase fulminante como o novo cereal foi adoptado se deve às condições ecológicas extremamente propícias que encontrou na longa facha costeira que se estende entre o mar e a Cordilheira do Drakensberg. Adopção tão generalizada e fulminante que conseguiu destronar a mapira indígena nas próprias cerimónias das primícias, que, por norma, são reservadas ao cereal mais antigo, ligado aos antepassados e às origens históricas.

Já no Sul de Moçambique não encontrou o milho condições tão favoráveis de propagação. O flagelo daquela região — a escassez e irregularidade das chuvas — levou as populações autóctones a manterem a mapira como cereal de base, por empiricamente o saberem mais resistente à seca e às variações climáticas.

Por isso, H. A. Junod (76) nos informa que Zulos e Swazis observavam a cerimónia das primícias em relação ao milho, ao contrário do que acontecia entre os Tsongas para quem era de rigor relativamente à mapira.

As dificuldades da cultura do milho no Sul do Save, não escaparam à atenção do agrónomo M. de Carvalho (28A) que afirma :

«O milho, como cultura de regiões altas, só encontra condições razoáveis de produção numa estreita faixa da Zona Sul, junto à fronteira leste, no seu extremo sul. Nas restantes áreas da Zona a cultura do milho, embora sempre presente e dominando com frequência mercê da sua maior capacidade de adaptação a diferentes condições térmicas, tem as suas produções altamente dependentes do regime de chuvas as quais são, em geral, insuficientes; desta situação resultam grandes variações nas produções às quais são, com frequência, praticamente nulas.»

Como hipótese de trabalho — e desse modo exigindo investigações mais aturadas e especializadas — aventamos que a difusão quase forçada e aberrante do milho no Sul do Save, se deve à influência dos invasores vangunes, que manifestavam por ele decidida preferência em detrimento dos cereais autóctones : mapira e, sobretudo, a mexoeira.

Vestuário e ornamentos

Fizemos já alusão ao traje de gala envergado pelos guerreiros, durante as grandes cerimónias públicas. Como se verifica pelas fotografias feitas pelo Dr. Liengme na corte de Gungunhane, o monarca e o príncipe herdeiro respeitavam as vestes quotidianas tipicamente vangunes (tronco

descoberto, pequeno colar e saiote de peles e caudas decorativas) mesmo quando entre os súbditos que os circundavam se descortinavam já peças de roupa de origem ineludivelmente europeia. Sobre o célebre *mandlovo* Dioclesiano das Neves ⁽¹⁶³⁾ informa :

«Os vátuas envergam em volta da cintura pequenas peles de gato bravo, que são mais bonitas que as de leopardo, especialmente as caudas. Também vestem peles de uma qualidade de macaco, que tem a cabeça e as pernas pretas e o resto do pêlo escuro. Os vátuas ligam grande importância a estas peles a ponto de não permitirem que os *blangelas* as usem.»

O mesmo autor fornece-nos uma descrição assaz pormenorizada do vestuário das rainhas principais durante a grande cerimónia anual da *nkuaya*. A cutis reluzente como o cosmético oleoso usado nas ocasiões solenes. Na cintura, a *chikaka*, pele negra cuidadosamente curtida. Cerca de trinta braceletes de metal amarelo cobrindo os antebraços; nos tornozelos numerosas rodela de missangas brancas e pretas. Sobre o peito uma pele de símio atravessada por grandes colares de missangas grossas dispostas em bandoleira. No pescoço largas anilhas de metal. Sob o nariz, de modo a tapar completamente a boca um curioso adorno de plumas vermelhas. No cabelo mais plumas vermelhas, símbolos da realeza.

Já nos referimos à coroa de cera, distinção concedida aos homens maduros, e, igualmente, ao penteado especial, *chifoko*, exclusivo das rainhas principais.

Os vangunes e seus descendentes sempre manifestaram menosprezo e até repugnância pelas tatuagens e escarificações usadas pelos povos autóctones do sul de Moçambique. Apenas praticavam e impunham aos vangunizados a perfuração dos lóbulos auriculares que guarneciam com os objectos mais díspares, à guiza de brincos.

Os vangunes foram também os grandes difusores, no sul de Moçambique, dos adornos de missanga. Diz o Padre Cruz ⁽³⁸⁾ acerca dos povos de Gaza :

«... não é raro comprarem missanga em grandes meadas para em suas palhotas prepararem com todo o vagar mil objectos diversos e ornar outros que deste modo tomam a seus olhos um valor inestimável. Entre outros objectos que vi inteiramente cobertos de missangas foram várias pequenas cabaças, de um a dois litros de capacidade, que eles traziam a tiracolo... A missanga, de quatro a seis cores diversas, em fios delgados e fortes, ou crinas de cavalo (?) e búfalo, constituía um tecido primoroso, cobrindo-lhe toda a superfície em combinações regulares e artísticas, de desenho elegante e agradável à vista.»

Estimulantes e narcóticos

O hábito de aspirar rapé encontrava-se muito disseminado entre os vangunes de origem ⁽⁷⁸⁾ e foi transportado pelos invasores.

Homens e adolescentes fumavam normalmente a «cannabis» espontânea, *insangu*. E. J. Krige ⁽⁷⁸⁾ limita-se a dizer, acerca deste hábito, que «o seu principal objectivo parece ser a abundante produção de saliva». O estupefaciente ardia num forninho colocado no topo duma canula mergulhada na água que, até meio, enchia um chifre. O fumador tapava com a mão a abertura deixando passar a outra canula por onde aspirava.

Gomes da Costa ⁽³⁶⁾ afirma que o vício se encontrava muito disseminado entre os varões de Gaza, onde a «cannabis» é conhecida por *mbhangu* tendo sido provavelmente introduzida no Sul de Moçambique pelos persas, através de Inhambane.

F I M